

A INFLUÊNCIA DE TEMAS TRATADOS NOS CONTOS A CINDERELA E JOÃO E MARIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

THE INFLUENCE OF THEMES TREATED IN THE TALES TO CINDERELA AND JOÃO AND MARIA IN THE FORMATION OF READERS

Gisele Diniz Xavier **1**
Mônica Maria dos Santos **2**

Resumo: Os primeiros contos infantis são relatos colhidos do cotidiano da sociedade por volta do século XVII, estão inseridos na literatura infantil e ganharam fama e importância não só no cotidiano das famílias, mas também como aliados na educação, em forma de leitura, conhecimento e informação. Carregados de fantasia e magia, os contos infantis levam aos leitores os valores morais preconizados pela sociedade em busca de uma convivência passiva e resguardo aos direitos e deveres de todo cidadão ampliando seu campo de conhecimento e acesso a história da humanidade, uma vez que os contos retratam situações vividas pelos seres. O presente estudo tem o objetivo de analisar a presença dos valores morais trabalhados na literatura infantil, em especial nos contos. Trata-se de uma pesquisa básica, de objetivo explicativo que se sustenta por meio de análise literária e leituras bibliográficas.

Palavras-chave: Contos. Temáticas. Formação de leitores.

Abstract: The first tales for children are reports taken of the society routine around the XVII century, are inserted at the children's literature and gain famous and value not only at the routine of the families, but also as education allies, as forms of reading, knowledge and information. Full of fantasy and magic, the tales teach the readers the moral values recommended by the Society looking for a peaceful coexistence and a fender of rights and duties for every civilian expanding their field of knowledge and access to the humanity history, once the tales report situations experienced by human beings. The present study aims to analyse the presence of moral values at the children's literature, specially at the tales. It is a basic research, with an explanatory goal supported by the literary and bibliographic analyzes.

Keywords: Tales. Themes. Readers training.

Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9926369936787457>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1702-1556>. E-mail: giseledxs@gmail.com **1**

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2810283550094313>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0375-9488>. E-mail: monicamagnificamv@gmail.com **2**

Introdução

Cândido (1995) afirma que a literatura foi, é e continuará sendo um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, e sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza ou, os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

A literatura não é um capricho da humanidade, ela é o grito do oprimido, através dela o indivíduo compreende o mundo e se faz compreender por ele. É por meio da leitura de uma infinidade de livros que conhecemos a história humana, tanto suas mazelas, opressões quanto suas conquistas, por essas e outras, ela é de suma importância para a educação da humanidade.

A literatura infantil, assim como a literatura de forma geral tem as mesmas características e funções, porém, tem sua linguagem mais suavizada, a fim de cativar e se fazer compreender.

A literatura infantil só começa a existir por volta do século XVIII. Até então, o acesso que as crianças tinham a ela era o mesmo que os adultos tinham. Claro que ela já existia em forma de contação de histórias entre os camponeses, afinal, o acesso a obras literárias era restringido apenas à nobreza até a Revolução Francesa.

O ato de contar histórias às crianças ia além do prazer e entretenimento, era um meio que os pais ou os adultos, em geral, tinham de instruir as crianças, quanto a questões morais, sociais e religiosas. Sendo assim iam se acrescentando as narrativas, personagens mágicos e fantásticos, como as fadas, bruxas, animais falantes e etc.. Para Coelho (2009): “O onírico, o fantástico, o imaginário, deixaram de ser vistos como pura fantasia, para ser pressentidos como portas que abrem para verdades humanas ocultas” (COELHO, 2009, p.11). Quantas vezes nos pegamos inventando uma história para chegarmos a um assunto importante, porém complicado de ser abordado assim do nada?

Para Gotlib (1987), a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; em nossos tempos, em volta da mesa, na hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias, contam casos. Perto do fogão de lenha ou simplesmente perto do fogo, as estórias são de conquistas e de perdas, que seguem para frente, variando de assuntos e nos modos de contar.

Assim, o objetivo desta pesquisa intitulada: A influência de temas tratados nos contos: A Cinderela e João e Maria na formação de leitores é analisar a influência das temáticas presentes nos contos infantis na formação de leitores, para isso elegemos como problema: qual a influência de temas tratados nos contos na formação de leitores? Trata-se de uma pesquisa básica de caráter qualitativo, com objetivo explicativo que adotará como procedimento a análise literária e a revisão bibliográfica.

A história da literatura infantil e dos contos

A Literatura infantil surge com os contos, que primeiramente eram repassados oralmente, até que um francês chamado Charles Perrault os coletou e os publicou. Segundo Coelho (2009), a História da Literatura registra o início da literatura Infantil com a primeira coletânea de contos infantis publicada no Século XVII, na França, intitulada *Contos da Mãe Gansa* (1697) de Charles Perrault. A obra conta com 8 estórias, recolhidas da cultura popular. São elas: *A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar*.

Coelho (2009), afirma ainda que nessa mesma época outro escritor resgatava as Fábulas guardadas pela memória popular, sendo elas verdadeiros textos cifrados, com a intenção de denunciar intrigas, desequilíbrios e injustiças que aconteciam na sociedade naquela época. Lá Fontaine divulga então as fábulas populares: *O Lobo e o Cordeiro; O Leão e o Rato; A cigarra e a Formiga; A Raposa e as uvas; Perrete, A leiteira e o pote de leite*, dentre muitas outras. Depois de Perrault, aproximadamente cem anos mais tarde na Alemanha, se constituía o gênero

Literatura Infantil, através de pesquisas linguísticas dos Irmãos Grimm.

Segundo Estés (2005), os Irmãos Grimm foram observadores de segundo e terceiro grau, recontando e adaptando histórias que já circulavam no meio do povo e que explodiu pela Europa e pelas Américas. No século XIX, o dinamarquês Hans Christian Andersen com a publicação dos 168 contos completa o acervo de Literatura Clássica destinada ao público infantil.

Hans Christian Andersen tem uma história de pobreza e ascensão muito semelhante a dos contos, o que talvez explique a explosão da Literatura Infantil, uma vez que o autor viveu situações que o colocaram como observador de primeiro grau, tornando-o um exímio contador de histórias. Estés (2005) ressalta que à medida que contar histórias é em sua verdadeira essência um fenômeno subjetivo, a fim de realmente compreendê-lo, a pessoa precisaria tentar viver dentro da cultura dos contadores de histórias, e tanto quanto possível dentro das mentes dos contadores e no círculo de calor humano do contador em uma “relação para sempre”. Diante deste contexto, percebe-se o quanto os contos estão próximos das histórias humanas.

Existem pelo menos três acepções da palavra conto, como sugere Júlio Cortázar (*apud* GOTLIB, 1987, p. 113): “1. Relato de acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso e 3. Fábula que se conta às crianças para diverti-las”. Neste texto, trataremos mais detalhadamente das acepções 2 e 3, uma vez que os contos de fadas surgiram em rodas de conversas entre os camponeses, transmitidas pelos pais e por contadores de histórias, que narravam fatos acontecidos com o intuito de divertir, ensinar, prevenir e até mesmo amedrontar quem os escutava.

Os primeiros contos surgiram ainda na Idade Média, no período em que as crianças passaram a ter os primeiros contatos com escola e automaticamente com livros e obras literárias. Nesse período percebe-se a criança de maneira diferente do adulto, uma vez que até então as crianças eram tratadas como um adulto de menor tamanho, desta forma os contos que existiam neste período tratavam de assuntos muito mais pesados que as versões que conhecemos atualmente. Os pais recorriam muito às leituras de contos para os filhos, sempre mostrando uma moral da história a fim de educá-los para a vida e o convívio social, um momento especial que cria laços de confiança e obediência entre pais e filhos.

Os contos vão muito além do entretenimento. Quando lemos um conto como Pinóquio, por exemplo, podemos chamar a atenção sobre o perigo das mentiras, quando lemos o patinho feio ressaltamos a beleza interior e os prejuízos emocionais do preconceito.

Os livros são importantes artefatos culturais e, no Brasil, desde 1980, vêm reforçando seu lugar junto a crianças, professores/as e familiares, como um veiculador pedagógico, que ensina, dentre outros aspectos, o ‘certo e o errado’, o ‘bom e o mau’, os modos de ser ‘menino e menina’, de ser ‘pai e mãe’ (SEFTON, 2010, p. 3).

Charles Perrault narra os contos ainda com os mesmos traços que eles eram contados, deixando claro a maldade da madrasta e bem menos mágica que nas versões mais atuais. A medida que novas versões vão surgindo se torna mais e mais visível a introdução de personagens mágicos nas narrativas.

No processo ensino aprendizagem da criança, seja por parte dos responsáveis legais ou instituição de ensino, a literatura infantil se confirma como poderosa aliada, através das imagens lúdicas despertadas nos contos, as temáticas abordadas são absorvidas de forma leve e compressível. Nos contos é possível despertar o imaginário e educar ao mesmo tempo. No conto de Pinóquio pode-se abordar o amor do pai adotivo e o poder da mentira, influenciando o aluno em suas escolhas. No conto João e Maria é possível trabalhar a superação, enquanto em Cinderela, a bondade e a beleza interior se fazem mais importantes que o luxo, assim como o amor de Bela pela fera, que vai além das aparências.

A literatura é uma aliada social poderosa, pois abrange todas as idades, parece silenciosa, quando a comparamos com um livro fechado na estante, porém envolvente e intrigante

quando nos permitimos mergulhar no oceano de sabedoria contido em suas páginas, Coelho (2009) nos lembra “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades” (COELHO, 2009, p.13).

Com os avanços tecnológicos, e a infinidade criativa de autores que hoje temos, as histórias ganham mais vida, mais brilho e efeitos especiais, contribuindo ainda mais para se tornar a menina dos olhos do público infantil, porém as temáticas abordadas desde a sua origem permanecem, contribuindo em muito para a formação do caráter humano.

Schneider; Torossian (2009) afirmam que no Brasil e em Portugal, os contos de fadas como são conhecidos hoje surgiram no final do século XIX com o nome de *Contos da Carochinha*. Contando, aproximadamente, com 61 contos populares, passando a ser denominados contos de fadas somente no final do século XX, tendo como destaque Monteiro Lobato e suas histórias sofisticadas, como bonecas falantes e geniais cientistas como sabugos de milho. É atribuída a esse autor a publicação de 26 títulos direcionados ao público infantil, influenciando autores contemporâneos como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

Uma vez que entendemos a literatura como forma de conhecimento, vale ressaltar a sua importância na educação, já que o direito a educação e formação são garantidos por lei.

A BNCC (2019) afirma que na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

A BNCC (2019) reafirma ainda, que a criança manifesta curiosidade no que diz respeito à cultura escrita ao ouvir uma história, assim como, observa tudo o que acontece ao seu redor no contexto familiar, comunitário e escolar e, a partir de então, vai construindo sua concepção de língua escrita, conhecendo uma infinidade de assuntos e conceitos.

Além do fato de que, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Diante dessa experiência, nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revela.

A literatura ultrapassa as regras gramaticais, pois descreve a humanidade e suas culturas recheadas de adversidades. A variação linguística presente na literatura dá ao leitor ou ouvinte acesso a uma infinidade de enunciados, que a gramática tradicional não consegue abranger. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, no caderno de Língua Portuguesa afirmam que:

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente (BRASIL, 1997, p. 25).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs evidenciam que a questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, um exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. A modalidade Literatura Infantil corrobora com a função da literatura de forma geral, entrando

no cotidiano escolar como aliada, no conhecimento e na formação de cidadão comprometidos com a sociedade e sua história.

As temáticas dos contos: A Cinderela e João e Maria

Os primeiros contos a serem publicados não tinham nada de infantil, até porque, não existia infância, e os contos eram relatos do cotidiano das pessoas que passavam de geração em geração.

Sendo assim, os contos de fadas nada mais eram do que relatos de fatos da vida dos camponeses, recheados de conflitos, aventuras e pornografias, sendo assim, pouco indicado a ser contado para crianças. Esses relatos apenas serviam como entretenimento. Anos mais tarde com a descoberta das fadas, que era a idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, a qual era dotada de poderes sobrenaturais, vê-se a necessidade de utilizar tais histórias alienadas também à educação, já que as crianças gostavam muito desses contos e a fantasia inserida neles estava ajudando a formar a personalidade dessas pequenas pessoas (FARIAS; RUBIO, 2012, p. 02).

Não é por acaso a fama dos contos de fadas, assim como não é por acaso o fato de caírem no gosto de todas as pessoas, independentemente de sua faixa etária. Os contos abordam assuntos e discussões que estão presentes no cotidiano da humanidade e, quem não sonha em superar seus desafios e vencer os obstáculos querendo ser feliz para sempre?

Adélia Prado (2008)¹ afirma que a obra de arte fala de absolutamente tudo sem escolher tema, enredo nem assunto que lhe apraz, por esses e outros motivos a literatura e, em especial o conto, abrange uma infinidade de possíveis situações vividas pela sociedade.

De acordo com Adélia Prado (2008), é quando o leitor se identifica ou se vê em uma obra de arte que ela demonstra sua universalidade de obra verdadeira, independentemente de ter sido feita na China, Japão ou qualquer outro lugar do mundo, e enquanto nós passamos pela vida, a obra de arte permanece e não sofre o desgaste do tempo.

Mergulhar nas narrativas dos contos é uma forma de se identificar, e de sonhar com um desfecho melhor, diante da diversidade de complicações e desafios presentes na vida real, sem contar que o hábito de ler contribui para o conhecimento linguístico do aluno. Segundo a psicanalista Diana Corso² (2018) em entrevista concedida a Ronnie Von, no programa *Todo Seu*, a leitura ajuda a moldar e criar uma personalidade na criança quando esta acha que o que a gente diz não é só uma mera interpretação, mas o que a gente é realmente, uma vez que as crianças são safas e observadoras.

As temáticas abordadas nos contos infantis estão presentes no cotidiano dos pequenos leitores, por esse motivo cativam, influenciam e moldam a personalidade deles. Quando usamos uma história que dialoga com a realidade, a probabilidade de atingir o objetivo desejado e o sucesso com essa leitura é praticamente certo. É claro que existe uma diversidade de temáticas por trás das narrativas dos contos, e a medida que cada pessoa entra em contato com a obra, a química entre conhecimento de mundo e narrativa pode gerar uma infinidade de interpretações, porém, veremos algumas que são mais recorrentes na sociedade atual, e que podem ser facilmente relacionadas pelo aluno, influenciando em seu desenvolvimento social e emocional. Ao trabalhar um conto é necessário conhecer as temáticas, e tentar mapear o máximo de reações possíveis por parte do aluno.

1 O relato da escritora Diana Corso pode ser acessado na íntegra, através do link: <https://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>

2 O relato da escritora Diana Corso pode ser acessado na íntegra, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=PFQ8HQzGo0s>.

Segundo Todorov (2010), é preciso ir além, não apenas estudarmos o sentido de um texto sem nos atermos a uma abordagem interna escrita. O sentido da obra não se resume ao juízo subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento.

Particularidades das temáticas abordadas no conto João e Maria

O conto João e Maria, dos Irmãos Grimm, narra a história de uma família em que o pai e a madrasta das crianças resolvem abandoná-los na floresta devido à crise financeira que se encontravam. Por mais que o pai não quisesse abandonar os filhos, a madrasta o convence de que será o melhor uma vez que não há alimentos para todos. João e Maria conseguem voltar para casa da primeira vez que são abandonados, porém, na segunda vez isso não acontece.

As crianças ficam perdidas na floresta até encontrar uma casa feita de doces, como estavam famintos acabam comendo pedaços da casa e são capturados pela bruxa que pega as crianças e as engorda para depois comê-las. Maria com sua esperteza acaba jogando a bruxa no fogo e matando-a. João e Maria pegam tudo de valor que encontram na casa da bruxa e conseguem retornar para sua antiga casa onde encontra seu pai sozinho pois a madrasta já havia morrido.

A falta de recursos básicos para sobrevivência é uma das primeiras temáticas a serem notadas neste conto. A fome era tanta e a comida tão pouca, assim como era pouco o apressado da madrasta pelos enteados, que ela não teve dificuldades em decidir que as crianças eram um fardo muito pesado para eles convencendo o pai de que abandoná-los na floresta era a melhor atitude a tomar.

Nunca havia muito o que comer na casa deles, e, durante um período de fome, o lenhador não conseguiu mais levar pão para casa. À noite ele ficava na cama aflito, remexendo-se e revirando-se em seu desespero. Com um suspiro, disse para sua mulher: “O que vai ser de nós? Como podemos cuidar de nossos pobres filhinhos quando não há comida bastante nem para nós dois?” “Ouça-me”, sua mulher respondeu. “Amanhã, ao romper da aurora, vamos levar as crianças até a parte mais profunda da floresta Faremos uma fogueira para elas e daremos uma crosta de pão para cada uma. Depois vamos tratar dos nossos afazeres, deixando-as lá sozinhas” (grifos nossos) (CONTOS, 2010, p. 88).

O papel do homem e da mulher também fica visível no conto, uma vez que a responsável pelo destino das crianças é a mulher e nesse caso: a madrasta que nem sequer tinha vínculo afetivo com as crianças, sendo o homem totalmente alheio a essas questões e submisso a mulher nesse aspecto.

“Oh, não!” disse o marido. “Não posso fazer isso. Quem teria coragem de deixar essas crianças sozinhas na mata quando animais selvagens vão com certeza encontrá-las e esfaqueá-las?” “Seu bobo”, ela respondeu. “Nesse caso vamos os quatro morrer de fome. É melhor você começar a lixar as tábuas para os nossos caixões”. **A mulher não deu ao marido um minuto de sossego até que ele consentiu no plano dela** (grifos nossos) (CONTOS, 2010, p. 88).

O medo e o abandono provocam pânico e ao mesmo tempo uma atitude de desafio em busca de uma saída da situação em que se encontram.

Sob a luz do luar, os dois partiram, mas não conseguiram encontrar as migalhas porque os milhares de pássaros que

voam por toda parte na floresta e pelos campos as tinham comido. João disse a Maria: “Vamos encontrar o caminho de casa”. Mas não conseguiram encontrá-lo. Caminharam a noite inteira e depois o dia seguinte inteiro, desde a manhãzinha até tarde da noite. Tudo em vão: não acharam um caminho para sair da floresta e foram ficando cada vez com mais fome, pois não encontraram nada para comer além de umas amoras espalhadas pelo chão. Como suas pernas estavam bambas de tanto cansaço, deitaram-se embaixo de uma árvore e adormeceram. Fazia três dias que tinham deixado a casa do pai. Começaram a andar de novo, mas só faziam se embrenhar cada vez mais na mata. Se não conseguissem uma ajuda logo, com certeza morreriam (CONTOS, 2010, p. 91).

A infância roubada de João e Maria os obriga a crescer e lutar por sobrevivência, assim como os obriga a tomar atitudes adultas diante das situações a que são expostos, como buscar ajuda por todos os lados até encontrar a casa feita de comidas.

O canibalismo da bruxa é outro sinônimo de maldade presente na narrativa, que tinha o costume de capturar as criancinhas fingindo ser boazinha e deixando uma casa feita de guloseimas no meio da floresta, e deixando claro o distúrbio de personalidade ou loucura, uma vez que tinha meios de construir uma casa de doces, não precisando de comida para matar a fome, mas de maldades para satisfazer seus caprichos tenebrosos, nos levando a refletir nas múltiplas personagens reais como os pedófilos, estupradores e maníacos representados pela bruxa nos contos, dando ênfase a figura feminina representada pela bruxa que pode ser vista como a personificação da madrasta que de acordo com definições diversas a descreve como mulher do pai que se relaciona com os filhos de forma drástica sem relações de afeto para com os órfãos que se sentem ameaçados.

A velha estava só fingindo ser bondosa. Na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava criancinhas e tinha construído a casa de pão só para atraí-las. Assim que uma criança caía nas suas mãos, ela a matava, cozinhava e comia” (CONTOS, 2010, p.92).

Aborda a questão da exploração do trabalho infantil, tão atual no cotidiano de muitos alunos, quando a bruxa obriga Maria a trabalhar para ela e engordar o próprio irmão para comê-lo e mais uma vez descrevendo o papel da mulher de cuidar da casa e do bem estar do homem desde a infância, encarregando-se de serviços domésticos e submissão ao sexo masculino.

Agarrou João com seu braço magricela, levou-o para um pequeno galpão e o trancou atrás da porta gradeada. João poderia gritar o quanto quisesse que não adiantaria nada. Depois foi até Maria, sacudiu-a até que acordasse, e gritou: **“De pé, sua preguiçosa. Vá buscar água e cozinhar alguma coisa gostosa para seu irmão. Ele ficará lá fora no telheiro até ganhar um pouco de peso. Quando estiver gordo e bonito, vou comê-lo”**. Maria começou a chorar o mais alto que pôde, mas não adiantou nada. Teve de fazer tudo que a bruxa lhe mandava. A comida mais deliciosa foi preparada para o pobre João; para Maria, só sobraram as cascas dos caranguejos. Toda manhã a velha ia furtivamente até o pequeno galpão e gritava: **“Mostre o dedo, João, para eu ver se você já está gorducho! (grifos nossos)** (CONTOS, 2010, p. 92).

Apesar de Maria ser mais nova que João e considerada, por ser mulher, como sexo frágil, ela demonstra inteligência e força ao lidar com os problemas que surgiram, assim como tantas mulheres que superam uma infinidade de problemas e pessoas, em especial do sexo oposto se tratando de abusos físicos ou psicológicos, em que muitas mulheres ainda se veem, pois acreditam que devem ficar trancadas em casa cuidando dos afazeres e da educação dos filhos se isolando do mundo social.

O assassinato acontece em legítima defesa, afinal Maria precisava salvar-se e salvar o irmão. Maria apesar da pouca idade era muito inteligente e a necessidade a faz bolar um plano para se livrar da bruxa.

De manhã cedo, Maria teve de ir encher o caldeirão e acender o fogo. “Primeiro tenho que assar pão”, a velha disse. “Já aqueci o forno e sovei a massa”. Então, empurrou Maria na direção do forno, que cuspiu labaredas. “Engatinhe até lá dentro”, disse a bruxa, “e veja se está quente o bastante para eu enfiar o pão”. O que a bruxa estava planejando era fechar a porta assim que Maria se metesse dentro do forno. Depois iria assá-la e comê-la também. **Maria percebeu o que ela estava tramando e disse: “Não sei como fazer para entrar ali”. Como vou conseguir?”** “Sua pateta”, disse a velha. “Há espaço de sobra. **“Veja, até eu consigo entrar”**”, e ela trepou no forno e enfiou a cabeça dentro dele. Maria lhe deu um grande empurrão que a fez cair estatelada. Então fechou e aferrolhou a porta de ferro. Ufa! A bruxa começou a soltar guinchos medonhos. Mas Maria fugiu e a bruxa perversa morreu queimada de uma maneira horrível (grifos nossos) (CONTOS, 2010, p. 93).

Além de matar a bruxa João e Maria também roubam tudo o que encontram de valor a fim de voltar para sua casa e se sustentarem.

“Como não havia mais nada a temer, foram direto para a casa da bruxa. Em todos os cantos havia baús cheios de pérolas e joias. “Estas aqui são melhores ainda que seixos”, disse João e meteu nos bolsos o que podia. **Maria juntou-se a ele: “Vou levar alguma coisa para casa também”. E encheu seu aventalzinho.** “Vamos embora agora mesmo”, disse João. “Temos que sair desta floresta de bruxa” (grifos nossos) (CONTOS, 2010, p. 93).

Como podemos perceber, no conto, João e Maria, as temáticas variam entre: dificuldades financeiras, fome, abandono, abuso de menor, assassinato, roubo, canibalismo e superação entre outros.

Imagine ler essa narrativa hoje, diante da realidade das famílias, onde pais abandonam os filhos em busca de carreira, trabalho, lazer e etc.. Quantas crianças ficam aos cuidados de avós, ou de babás, ou mesmo de orfanatos ou creches, para que os pais continuem suas rotinas diárias, sem contar naquelas crianças que são literalmente abandonadas nas ruas, e que precisam aprender a se virar, assim como João e Maria, que chegam a cometer um assassinato em legítima defesa.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por João e Maria desde o abandono na floresta até a morte da bruxa, as crianças superam seus medos e se veem obrigados a amadurecer o mais rápido possível quando percebem que só tem um ao outro.

A literatura infantil, por meio dos contos, tem um papel formador uma vez que contribui para a construção e desenvolvimento de metodologias que auxiliem na formação cidadã

dos leitores, por transmitir valores e estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica, mesmo que individual, fazendo parte da sociedade em um todo.

Mesmo usando os recursos de distração e imaginação, os contos trabalham temáticas que abordam assuntos como direitos e deveres do ser humano em uma sociedade e as consequências advindas de escolhas ou caminhos que se propõe ou se é obrigado a seguir, como é o caso de João e Maria que se veem sem escolhas, apenas seguem o caminho e precisam aprender superar tudo que acontece.

Particularidades das temáticas abordadas no conto A Cinderela

Cinderela era uma menina boa e de bons costumes, características herdadas de sua mãe que morrera deixando-a aos cuidados do pai, que se casa com uma mulher com duas filhas e que não demonstram apreço nenhum pela pequena órfã. Cinderela se apaixona pelo príncipe e se casa com ele, indo morar no castelo, sendo resgatada da vida de humilhações e escravidão que levava em casa.

No conto da Cinderela, de Perrault, o pai da moça acaba se casando novamente após ficar viúvo e colocando em seu lar uma madrasta e suas duas filhas, que abusam e escravizam Cinderela. O pai por sua vez está presente na história, porém é totalmente alheio aos maus tratos sofridos pela filha. Cinderela é uma boa moça, obediente e prestativa, assim a madrasta e suas filhas usam e abusam da pobre moça. Cinderela conhece o príncipe no baile ajudada pela fada madrinha. O príncipe se apaixona por Cinderela e se casa com ela.

A orfandade de Cinderela por parte de mãe a deixa vulnerável e aos cuidados da madrasta depois que seu pai se casa e se torna totalmente alheio aos assuntos que dizem respeito à filha “A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa”.

A ambição e soberba da madrasta a impedem de criar qualquer vínculo com Cinderela, a única coisa que lhe interessava era uma boa vida cheia de regalias para ela e suas filhas. “ERA UMA VEZ um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr” (CONTOS, 2010, p.13).

A bondade de Cinderela e o ciúme que a mãe adotiva tinha eram de tamanha grandeza que ao contrário de cativar a madrasta com seus bons modos, fazia com que ela apenas a odiasse, explorasse e humilhasse cada dia mais.

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés (CONTOS, 2010, p.13).

A discriminação e maus tratos sofridos por Cinderela por parte da madrasta e das meias irmãs isolavam-na nos cantos mais escuros da casa, as irmãs caçoavam dela e lhe colocava apelidos deixando a menina cada vez mais excluída do seio familiar “Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. Por isso, todos passaram a chamá-la Gata Borralheira”.

O luxo e a ostentação das meias irmãs é um contraste às características de Cinderela, enquanto a boa moça usa as mais simples e surradas roupas suas irmãs usam e abusam do luxo “Mandaram chamar o melhor cabeleireiro das redondezas, para levantar-lhes os cabelos em duas torres de caracóis, e mandaram comprar moscas do melhor fabricante”.

A fada madrinha assim como em tantos outros contos é a salvação de Cinderela, representa o amor e a dedicação da mãe que quer sempre ver a felicidade da filha.

Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase. A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?” “Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo. “Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile” (CONTOS, 2010, p. 14).

O amor à primeira vista entre Cinderela e o príncipe, que após conhecê-la não mede esforços para encontrá-la, garantem o final feliz do conto, “O filho do rei, a quem foram avisar que acabara de chegar uma princesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão quando ela desceu da carruagem e conduziu-a ao salão onde estavam os convidados”.

A beleza exterior é tão valorizada que as meias irmãs não reconhecem Cinderela, chegando até a tratá-la bem “Ela então foi se sentar ao lado das irmãs, com quem foi gentilíssima, partilhando com elas as laranjas e os limões que o príncipe lhe dera, o que as deixou muito espantadas, pois não a reconheceram”.

A ascensão de Cinderela acontece quando o príncipe se casa com ela e a leva para o castelo, como se a felicidade de uma mulher estivesse obrigatoriamente ligada a um matrimônio, afinal Cinderela poderia sair de casa e ser independente já que era responsabilidade do pai e era humilhada pela madrasta.

Mas o fidalgo que fazia a prova do sapato olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que o pedido era justo e que ele tinha ordens de experimentá-lo em todas as moças. Pediu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera. O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas (CONTOS, 2010, p. 17).

O bem prevalece contra o mal. Cinderela que era a bondade em pessoa motiva o leitor a não guardar rancor, apesar de todas as ofensas e maus tratos sofridos pelas irmãs sua capacidade de fazer o bem não é afetada, pois acaba convidando as irmãs para irem morar no castelo.

As duas irmãs perceberam então que era ela a bela jovem que tinham visto no baile. Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que a tinham feito sofrer. Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem. Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte (CONTOS, 2010, p. 17).

É normal casais que se separam e constituem novas famílias, sujeitando os filhos a maus tratos e exploração por parte dos novos familiares agregados a nova família, sem contar no fato

de ter que lidar com a divisão de carinho e cuidados, uma vez que alguns desenvolvem afinidades com os novos membros da família, esquecendo os próprios filhos de sangue.

A beleza e bondade de Cinderela, e é claro, a ajuda da fada madrinha, é de suma importância, para o desfecho final da moça, sem contar que o casamento com o príncipe é o ápice da vitória de Cinderela, e no qual muitas moças se espelham, sonhando em encontrar seu príncipe encantado, que a fará feliz para sempre, se esta for uma boa moça, assim como a Cinderela, uma forma machista e arcaica de demonstrar que a felicidade de uma mulher está atrelada a imagem masculina, ou melhor, ao matrimônio.

A figura da fada madrinha se faz presente como esperança, socorro e única chance de salvação, uma vez que a pequena órfã era invisível aos olhos do pai e negligenciada pela madrasta e as meias irmãs. A figura da madrinha é tradicional, pois na vida real, a madrinha é vista ou pelo menos deveria ser vista, como a segunda mãe: aquela que ama, que não mede esforços, que protege, que ampara e que mostra os caminhos certos a seguir. Ao se ver desamparada por todos ao seu redor sua única aliada e esperança é a madrinha.

O conto A Cinderela, como tantos outros contos carregam em suas narrativas a capacidade de abordar temas que servem de discussão sobre padrões sociais pré-estabelecidos pela sociedade tradicionalista e a necessidade de mudança de postura considerando as constantes mudanças nas estruturas familiares que ocorreram no decorrer dos séculos até os dias atuais.

Coincidências entre os contos: A cinderela e João e Maria

Algumas temáticas abordadas estão presentes nos dois contos, como a orfandade, a figura da madrasta, a falta de carinho entre a madrasta e os enteados, a maldade da madrasta, a falta de cuidados e preocupação dos pais para com os filhos depois da morte da mãe de sangue e o abandono paterno.

Cinderela, João e Maria ficam órfãos de mãe e passam a ser responsáveis das madrastas quando os pais se casam novamente. Os dois contos deixam claro que a figura feminina a qual as crianças deveriam ser confiadas eram as madrastas.

Assim que o casamento foi celebrado, **a madrasta** começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa (grifos meus) (CONTOS, 2010, p 13).

Ao raiar do dia, pouco antes do nascer do sol, **a madrasta** se aproximou e acordou as duas crianças. “Levantem, seus preguiçosos, vamos à floresta apanhar um pouco de lenha” (CONTOS, 2010, p. 89).

Não existe vínculo afetivo entre madrasta e enteados, a única preocupação das segundas esposas nos dois contos é cuidarem de si mesmas. Os órfãos são excluídos e obrigados a cuidarem de si mesmos. A madrasta de Cinderela a faz de escrava, enquanto a de João e Maria convence o pai a abandoná-los na floresta por serem duas bocas a mais para alimentarem.

Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas (CONTOS, 2010, p. 13)

“Amanhã, ao romper da aurora, vamos levar as crianças até a parte mais profunda da floresta. Faremos uma fogueira para

elas e daremos uma crosta de pão para cada uma. Depois vamos tratar dos nossos afazeres, deixando-as lá sozinhas. Nunca encontrarão o caminho de volta para casa e ficaremos livres delas” (CONTOS, 2010, p. 88).

O pai, que ao se casar novamente passa toda a responsabilidade para a nova mãe das crianças, se tornando alheio aos cuidados, carinho, educação e proteção dos filhos. João e Maria são abandonados fisicamente na floresta enquanto Cinderela sofre um abandono psicológico, uma vez que o pai, nesta versão do conto, se faz presente na narrativa, mas não se posiciona em favor da filha em nenhum momento.

Não se afastem daqui meninos. Se ficarem cansados, podem dormir um pouco. Vamos entrar na floresta para cortar um pouco de lenha. À tarde, quando tivermos acabado, viremos pegá-los (CONTOS, 2010, p. 90).

A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa (CONTOS, 2010, p. 13).

Os contos relatam em seus enredos o que se passava na sociedade daquela época e são repassados de geração em geração para as sociedades atuais, sem deixar de ser os queridinhos da literatura infantil por apresentar a característica de verossimilhança tão presente na literatura.

A influência dos temas na formação e no desenvolvimento dos leitores

O ato de ler ou contar uma história não é algo aleatório, muitas vezes os pais leem para os filhos diminuir o ritmo e cair no sono ou com a finalidade de passar um ensinamento através da leitura. Nas escolas contar uma história agrega mais finalidades, como: concentração, memorização, interpretação de textos, etc..

Nas comunidades populares, esses contos eram e são, mesmo hoje, narrados normalmente à noite, depois do trabalho ou durante atividades de ritmo lento, como a pesca e a confecção de renda, não só para relaxar e divertir, mas também para fazer as pessoas refletirem sobre suas vidas pessoais e o contexto social em que estão inseridas (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 47).

Contar um conto aumenta mais que um ponto. Quando se narra um conto amplia-se o campo de conhecimento tanto do leitor quanto do ouvinte, sem contar nas infinitas possibilidades de interpretações possíveis no decorrer da narrativa. De acordo com as orientações da BNCC,

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p. 40).

Quando escolhemos ou elegemos um conto para ser lido, este conto deve ser analisado antes. É necessário perceber qual o tipo de público se adequa a ele, a importância deste conto para este público e quais influências os assuntos e personagens sobre ele tratados podem ter. O texto literário não se caracteriza pela simples presença de uma figura. Na realidade, ele se constrói numa costura de figuras e outros recursos, para criar sua condição estética (BRASIL, 2008a, p. 123).

É importante conhecer para depois ensinar, sendo assim, analisar a influência dos contos no desenvolvimento emocional dos alunos é de suma importância, uma vez que a escola trabalha com seres humanos diversos, cada um com seu conhecimento interiorizado. A literatura tem por característica inerente abordar toda essa diversidade. Esta influência, como afirma Zilberman (1989), não depende da leitura, mas, do leitor que tem acesso a ela.

Quando experienciamos a leitura, temos uma infinidade de possibilidade de entendimento sobre o discurso da narrativa. Esta infinidade de possibilidades se dá pelo fato de que somos indivíduos ímpares, cada pessoa se posiciona de uma maneira diante de algo, por mais que exista semelhanças, isso jamais será interpretado da mesma maneira.

Levar em consideração a reação e interpretação por parte de cada leitor é de suma importância, pois, além do fato de que cada um reage de acordo com seu conhecimento, a leitura pode influenciar ou não em tomadas de decisões ou mudanças de atitudes, sendo assim não é só escolher um livro, ler para crianças e pronto, é preciso estar preparado para as possíveis análises discursivas advindas do contato entre leitor ou ouvinte e a narrativa.

Os alunos facilmente correlacionam vida real e ficção, logo as narrativas e suas temáticas têm influência em seu desenvolvimento social e emocional. João e Maria venceram as dificuldades, e isso mostra que os alunos também podem superar e resolver seus problemas se usarem a inteligência. Através da leitura deste conto se pode valorizar o estudo, o conhecimento e a força de vontade de viver.

O conto, A Cinderela, de Perrault, narra a história de uma jovem órfã de mãe, de um pai que se omite da vida e dos cuidados com a filha ao se casar novamente com uma viúva que tem duas filhas más e mimadas, de um príncipe que se apaixona por Cinderela, uma ascensão da moça pobre para uma princesa e o casamento como recompensa por ser uma boa moça.

Ao ficar viúvo o pai de Cinderela se casa novamente com uma mulher interessada somente em si mesma e no bem-estar de suas filhas, pouco se preocupando com a situação da filha bondosa e cheia de virtudes que o novo marido possuía.

Quantas Cinderelas ou gatas borralheiras existem em nossa sociedade? Quantos pais que deixam a educação e segurança dos filhos nas mãos de outras pessoas ou instituições? Quantas madrastas preocupadas somente com os seus próprios interesses? Os personagens que fazem parte destes contos são imitadores da vida real, assim sendo é óbvio que influenciarão no desenvolvimento emocional do leitor.

Quando uma criança que se sente rejeitada pelo pai e ouve o conto, automaticamente se identifica com a moça que sofre as injustiças dos outros e o abandono paterno. Essa realidade faz parte da sociedade desde os séculos antigos, onde o pai era o provedor da família e a mãe era a responsável pela educação e cuidados com os filhos. Quando ficavam viúvos casavam-se novamente e a educação dos filhos passava a ser responsabilidade das madrastas, que já eram discriminadas por serem mulheres. Por outra perspectiva, a criança que se identifica com os personagens reflete sobre a possibilidade de se dar bem na vida, se for uma boa pessoa será recompensada de alguma forma.

Como podemos ver os contos são denúncias de uma sociedade preconceituosa e machista em que a infância sequer tem um lugar, ou melhor, um amparo. Apesar das mudanças sociais, ainda existem muitas situações que são descritas nos contos e que se repetem até hoje deixando clara a verossimilhança dos relatos.

No conto de João e Maria, dos Irmãos Grimm, aparecem temáticas como: a fome, o abandono paterno, o comportamento da madrasta, a submissão do marido a segunda esposa, a bruxa, o canibalismo, assassinato, superação e maturidade.

Quantas crianças são obrigadas a trabalhar duro para se manter? Quantos pais abandonam seus filhos nas ruas por não se acharem capazes de sustentar a família? Quantas bruxas

esperando essas crianças para abusar e ludibriar em benefício próprio? Quantos pais arrependidos e em depressão por terem abandonado os filhos? Quanta injustiça social onde um homem de família não tem condição financeira de manter sua família?

Maria era esperta e conseguiu ajudar o irmão a se livrar das mãos da bruxa assim como muitas crianças conseguem sobreviver em meio ao caos que a sociedade impõe. Matar³ a bruxa é uma defesa, e quantas crianças não se identificam com essa reação, onde a melhor defesa é o ataque tornando-se indivíduos difíceis de relacionarem-se por estarem sempre na defensiva.

João e Maria matam a bruxa e saem da floresta de volta para seus pais. Na sociedade atual essa é uma realidade perturbada, onde os filhos procuraram sucesso para ajudar os pais, porém acabam se perdendo no mundo do consumismo e não se sentem responsáveis por um dia terem sido abandonados.

A influência pode ser boa ou não dependendo do público alvo, para tanto é necessário um conhecimento de campo antes de se trabalhar um conto e não uma escolha aleatória sem comprometimento com o resultado final.

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto para trilhar esse caminho pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural (TODOROV, 2010, p. 31).

Os contos conseguem ir muito além da estrutura linguística presente em suas formas, eles ultrapassam a capacidade de abordar assuntos que estão além das disciplinas curriculares, têm o poder de mexer com os sentidos através do recurso da imaginação e auto identificação com os personagens e contexto inseridos no decorrer das narrativas.

[...] na medida em que nos interessa também como experiência humana, não apenas como produção de obras consideradas projeções, ou melhor, transformações de modelos profundos, a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras). Mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos (CANDIDO, 1989, p. 82).

O conto como gênero literário e obra de arte tem função de tratar de questões intrínsecas dos seres humanos, como noções do que é bom ou ruim, caminhos certos ou errados, direitos ou deveres, humanizando-nos à medida que dialogamos com o texto.

[...] “Por que a arte nos humaniza?” Porque mostra não a aparência, mas nos induz por causa da emoção que ela nos

3 A morte tem vários sentidos conotativos, podendo ser analisada como preconceito, exclusão, discriminação, escravidão, depressão. Nos dias atuais, muitas pessoas estão perdendo o gosto pela vida, morrendo psicologicamente, vivendo como máquinas de trabalho e escravos dos padrões estabelecidos pela sociedade de consumo que procura substituir carinho, respeito e afeto por bens materiais.

causa. Ela nos induz à intimidade, à alma das coisas, à nossa própria intimidade e é por isso que ela nos comove; porque mexe [...] (PRADO, 2008).

Os contos infantis influenciam na formação de pequenos leitores ao abrir dentro de suas mentes um leque de possibilidade, desenhando em seu imaginário as leis da moral e dos bons costumes tão necessárias para formação de cidadãos comprometidos com o bem comum e com as necessidades básicas para a sobrevivência da humanidade.

Estés (2005), afirma que quando as pessoas ouvem contos, não estão propriamente ouvindo, mas lembrando; lembrando ideais inatos. Quando o corpo ouve contos, algo ecoa em seu interior. Um forte *viento dulce*, o sopro doce que carrega o conto, revela os sentimentos íntimos que se escondem sob sua superfície. Entre alguns povos do círculo polar, tal qualidade é chamada América, a força da essência do poema que se amplifica ao ser levada para fora com a expiração do contador. A literatura tem o poder de ir muito além das disciplinas que fazem parte da grade curricular dos alunos. A leitura de obras literárias tem o poder de humanizar ao abordar temáticas que dialogam com a vida real de cada um, inspirando e motivando cada leitor.

As obras escritas para adultos e que ganharam a leitura do adolescente ou jovem são bem mais numerosas. Até há bem pouco tempo, líamos na adolescência os livros dos grandes escritores brasileiros. No máximo, os professores dosavam essa leitura, privilegiando na segunda parte do Fundamental a leitura dos românticos, alguns realistas e os modernistas brasileiros. Por outro lado, sempre houve adaptações dos grandes clássicos, mas elas não visavam ao jovem, especificamente, mas ao adulto pouco afeito à leitura. Leitores jovens acabaram lendo essas adaptações e mesmo outros títulos, descobertos por eles mesmos, exatamente como aconteceu com muitas obras hoje consagradas como “literatura infantil”. Veja que a maioria dos contos e crônicas, tão predominantes na leitura do aluno, foi escrita inicialmente para adultos. As crônicas, primeiramente, surgem nas revistas e jornais, criadas por grandes escritores para leitores dos jornais. Sobre tudo nas duas últimas décadas, é comum as editoras escolherem, no âmbito dessa produção, contos e crônicas que – imaginam – atenderão ao gosto e às características do adolescente (BRASIL, 2008 b, p. 182).

Ao trabalhar leituras de obras literárias que envolvem os leitores, contribui-se para que este leitor adquira gosto pela leitura, e a partir de então as influências na formação dos leitores podem ser de grandes proporções, ampliando não só o campo de conhecimento, mas contribuindo para a formação deste, humanizando-o através da história da humanidade, pois mexe com quem experimenta mergulhar no mundo da leitura provocando uma atitude solidária para com o personagem, que muitas da vezes funciona como espelho para o leitor, a medida que educa e alfabetiza, humaniza (PRADO, 2008).

A respeito do aspecto humanizador da literatura, pode-se concluir que os contos podem auxiliar muito na construção da personalidade do leitor, independentemente da narrativa, os contos remetem a criança a descoberta de sua identidade proporcionando experiências extremamente necessárias para a formação do caráter humano.

Considerações Finais

A literatura infantil, em especial os contos, tem um papel de suma importância na formação de leitores, pois trata de temáticas presentes na sociedade antes mesmo do século XVII,

quando começam a ser publicados os primeiros contos.

Cademartori (2010) ressalva que na leitura de textos poéticos a criança em fase de alfabetização, não só aproxima-se o livro como fonte de conhecimento e prazer, como também exerce papel importante na formação da expressão verbal, uma vez que o texto criativo tem como característica fundamental a surpresa causada pelas relações que estabelece ao nível da composição e do sentido.

Apesar dos elementos mágicos e fantásticos presentes nas narrativas, os contos proporcionam uma identificação entre leitor e personagem, abrindo um leque de possibilidades para auto superação, exemplos a serem ou não seguidos, assim como a constatação de reações a partir de atitudes vividas pelos personagens que incentivam ou desmotivam a seguir como exemplos.

A influência ocorre por se tratar de narrativas que se assemelham a situações reais levando o leitor a imaginar como pode ser, se seguir os mesmos exemplos, sejam eles bons ou maus. A influência pode ser boa ou não dependendo do público alvo, para tanto é necessário um conhecimento de campo antes de se trabalhar um conto e não uma escolha aleatória sem comprometimento com o resultado final.

Os contos são experiências enriquecedoras, mas é necessário estar preparado para as possíveis relações de sentidos que possam ser feitas pelos alunos. O poder humanizador da leitura de um conto se dá quando o leitor se depara com semelhanças entre a narrativa e sua história, revelando o que lhe é mais oculto.

Ao ser tocado por esse poder o leitor passa a ter gosto pela leitura, que lhe abrirá as portas para evolução, tanto no campo disciplinar quanto no campo psicológico. Neste instante, o leitor descobre na leitura uma ponte para um universo diversificado de sentimentos e emoções. Mergulhar no mundo da leitura é a melhor maneira de ensinar e de aprender, basta ter uma mente aberta e comprometida com a verdade e o contexto histórico de cada época.

Nessa perspectiva, Antônio Candido (1995), ressalta que a literatura pode contribuir com o seu poder humanizador no intuito de levar o leitor, mesmo que de maneira inconsciente, a procurar na leitura literária, a reflexão, a sabedoria, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, a compreensão da complexidade do mundo e dos seres. Segundo o autor: “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Desta forma o contato com a infinidade de temas propostos por um conto colabora com a nossa formação leitora e humana.

Toda história tem um contexto, toda história tem um motivo de ter sido escrita, toda história tem uma missão, que só é cumprida quando o leitor se propõe a decifrar o mistério contido em suas palavras.

Por fim, espera-se que este estudo possa estimular novas pesquisas e análises a fim de valorizar os benefícios da literatura infantil para a formação de leitores.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum da Educação (BNCC)**. Brasília, 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum da Educação (BNCC)**. Brasília, 2017.

BRASIL. SEF. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar GESTAR II: LÍNGUA PORTUGUESA – Caderno de teoria e prática 2: **Análise Linguística e Análise Literária**. Brasília, MEC/SEF, 2008 a.

BRASIL. SEF. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar GESTAR II: LÍNGUA PORTUGUESA – Caderno de teoria e prática 6: **Leitura e processos de escrita II**. Brasília, MEC/SEF, 2008 b.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO, Antônio. Direitos Humanos e literatura. *In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido/>. Acesso em: 24 set. 2019.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita** (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2009.

Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Apresentação: Ana Maria Machado. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Os significados por trás dos contos infantis** – Programa de Entrevistas: Todo Seu. 2018 (27/02/18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFQ8HQzGo0s>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Ilustrações Arthur Rackham. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FARIAS, Francy Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – 2012.

GOTLIB, Nádia Battella. **A teoria do Conto**. 3ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1987.

LISBOA, André. **Família: a chave para compreender a Idade Média**, 2016. Disponível em: <https://escoladefilosofia.org/familia-a-chave-para-compreender-a-idade-medica-na-europa-86833b23fb60>. Acesso em: 03 set. 2019.

PRADO, Adélia - **O poder humanizador da poesia** (Palestra da escritora brasileira, Adélia Prado, no programa Sempre um Papo de 2008. Disponível em: <https://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia>. Acesso em: 22 out. 2019.

SCHNEIDER; Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea**. In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SEFTON, Ana Paula. **Afetos de pai: representações na literatura infanto-juvenil**. Textura Canoas, n.21-22 p.3-13, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ZILBERMAM, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. Ed. Ática. São Paulo.1989.